

A HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA: FORMAS ALTERNATIVAS

Carlos Alexandre Baumgarten
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

1 – Primeiro tempo: um pouco de história

A História da Literatura desenvolveu-se e afirmou-se no curso do século XIX, a partir da influência do Positivismo que via na História a ciência capaz de resgatar o passado, recuperando os eventos tal como haviam verdadeiramente ocorrido. Tal crença não só proporcionou um rápido crescimento da ciência histórica, como também determinou que sua influência se disseminasse por todos os campos do saber oitocentista. Esse prestígio alcançado pela História transferiu-se para a História da Literatura que, em boa parte do século XIX, estabeleceu-se como a principal disciplina e referência do campo dos estudos literários. A centralidade então alcançada pela História da Literatura deveu-se, também, à coincidência de sua ascensão com a consolidação dos estados nacionais que, tanto na América quanto na Europa, necessitavam de um discurso que os legitimasse e confirmasse em sua singularidade. Nesse contexto, a História da Literatura assume relevante papel social, pois cabia a ela não apenas a recuperação do acervo literário das comunidades nacionais, como a elaboração de um discurso que, construído a partir desse acervo, comprovasse a existência de uma unidade cultural no âmbito dessas mesmas comunidades.

Contudo, se a História e a própria História da Literatura adquiriram prestígio graças aos postulados positivistas, foi devido a esses mesmos postulados que entraram em declínio e viram sua metodologia no trato da matéria histórica e literária ser posta em questão. No campo da História, essa situação configurou uma espécie de “crise”, já que o questionamento da atitude positivista tornou evidente que a crença na objetividade dos dados históricos era traída pela sua seleção e ordenação, inescapavelmente afetadas pela subjetividade do historiador ao estabelecer suas hipóteses.

A História da Literatura, por seu turno, a partir de uma pretensa objetividade a ser alcançada, organizava o acervo literário segundo conceitos como os de período e grupos, desconsiderando a natureza estética das obras literárias, ficando restrita ao que poderíamos chamar de uma estética da produção. Essa direção assumida pela História da Literatura foi determinante para sua crescente marginalidade no âmbito dos estudos literários, condição a que ficou relegada pelo menos até meados da segunda metade do século XX. Nesse sentido, a História da Literatura, havendo surgido no ambiente intelectual que produziu e promoveu o historicismo, viu-se igualmente atingida pela chamada “crise da história”, iniciada ainda no fim do século XIX e aprofundada no início do século XX.

Com um novo quadro intelectual de inclinação anti-historicista estabelecido, os estudos literários passaram a sofrer a influência de correntes cuja característica principal era a contestação dos métodos da História da Literatura. Situam-se, nesse âmbito, as propostas formuladas notadamente pela Estilística e pela Nova Crítica, e em menor extensão por aquelas contidas no pensamento dos formalistas russos, todas elas adeptas de uma abordagem imanente das obras literárias. Tal quadro abriu espaço para a ascensão da Teoria da Literatura que, gradativamente, vai assumindo um protagonismo acadêmico antes desfrutado pela História da Literatura. É interessante

ressaltar que, no Brasil, são desse período duas publicações que, a despeito de sua natureza e orientação diversa, apresentam títulos que revelam a tentativa de se desvincularem da historiografia literária tradicional: de um lado, *A formação da literatura brasileira – momentos decisivos*, de Antonio Candido; de outro, *A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho. Em ambos os casos, o que se tem é a escrita de uma história da literatura brasileira, embora com abrangência e orientação distintas.

Somente em meados da segunda metade do século passado, é que a história da literatura, em virtude da emergência de novas orientações teóricas surgidas no campo dos estudos históricos, volta a ocupar posição relevante nos debates que então se processam. Tais debates, vinculados especialmente à reflexão sobre as relações entre o discurso histórico e o discurso literário, têm origem nas sugestões primeiras constantes das propostas dos historiadores franceses da Escola dos Anais. A estas se seguem, no final da década de 60, as formulações de Hans Robert Jauss, com o seu *A história de literatura como provocação à teoria literária*, texto inaugurador da Estética da Recepção. Nele, o teórico alemão busca superar a distância existente entre o conhecimento histórico e o conhecimento estético das obras literárias, que se harmonizariam pela consideração de uma instância que é a da recepção a que as obras são submetidas ao longo de sua trajetória. Cabe registrar, ainda, que, no curso dos anos 80, a reflexão envolvendo as relações entre História e Literatura foi enriquecida pelas contribuições do movimento que ficou conhecido como Nova História.

Todas essas tentativas, aqui sumariamente enunciadas, ao pensarem a relação entre literatura e história, e ao reafirmarem a importância da História da Literatura, esbarram em diversos problemas estruturais, como os relacionados aos conceitos que o historiador tem de literatura, de história, de sociedade, de ideologia. Além disso, devem elas enfrentar a questão do momento histórico em que determinada história literária é produzida, pois forças sociais, culturais e ideológicas interferem na visão que uma determinada sociedade tem em relação ao seu passado, sua história e sua identidade. Na busca por soluções para esses impasses, vários têm sido os teóricos a proporem alternativas, como as apontadas por Siegfried Schmidt, David Perkins, Niklas Luhmann, Harro Müller, Hans Ulrich Gumbrecht, Franco Moreti, entre tantos outros.

Enfim, especialmente a partir dos anos 70 do século passado, observa-se o surgimento e a afirmação de um forte movimento cujo objetivo é repensar a escrita da história da literatura, segundo novos parâmetros, sejam aqueles apontados por correntes do pensamento historiográfico vinculado aos caminhos abertos pela Teoria da História da Literatura e pela Teoria da Literatura, sejam aqueles concebidos no âmbito da reflexão histórica produzida nas décadas finais do século XX. Tal movimento não apenas recoloca a História da Literatura como objeto de reflexão constante no âmbito da academia, como proporciona o aparecimento de uma historiografia literária que, no seu conjunto, abdica do perfil totalizador apresentado pelas histórias da literatura de feição tradicional, determinando o surgimento de novas formas no historiar a literatura.

No Brasil, a repercussão alcançada pelos novos caminhos apontados pelo pensamento histórico e, particularmente, por aqueles abertos pela Teoria da História da Literatura, ganha relevância, especialmente a partir dos anos 80 do século passado, através da divulgação dos trabalhos realizados pelos integrantes do grupo inicialmente vinculado às teses estabelecidas pela estética da recepção e também por aqueles desenvolvidos por historiadores alinhados com as propostas renovadoras surgidas no âmbito da ciência histórica. Nesse sentido, surgem publicações como *A literatura e o leitor* (Textos de estética da recepção), 1979, *Teoria da literatura em suas fontes* (1983), ambas organizadas por Luiz Costa Lima, *Estética da recepção e história da literatura*

(1989), de Regina Zilberman, *História da literatura: ensaios* (1994), de Letícia Mallard e outros, *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs* (1996), organização de Heidrun Krieger Olinto, que, entre muitas outras, atestam a preocupação com o repensar a escrita e o lugar da História da Literatura no plano dos estudos literários.

Essa preocupação tem como uma de suas consequências mais significativas a revisão da historiografia literária brasileira que, além de ser estudada minuciosamente, tem seus textos fundamentais resgatados e postos em circulação. Nesse sentido, é importante registrar trabalhos como os desenvolvidos por Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira, com a publicação de *O berço do cânone* (1998), reunião de textos fundadores da história da literatura brasileira, e por Roberto Acízelo de Souza que, entre outros tantos trabalhos, recolocou em circulação *História da literatura brasileira e outros ensaios* (2002), de Joaquim Norberto de Sousa Silva, e *Historiografia da literatura brasileira: textos inaugurais* (2007), de Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

A ampla discussão sobre a História da Literatura é também responsável por um conjunto de ações que comprovam sua repercussão no meio acadêmico brasileiro: de um lado, a realização de continuados seminários e congressos, nacionais e internacionais, que se ocupam da reflexão sobre a História da Literatura; de outro, a constituição, no âmbito da Anpoll, de um Grupo de Trabalho voltado para o seu estudo. Além disso, assiste-se, igualmente, ao surgimento de programas de pós-graduação *stricto sensu* que elegem a História da Literatura como uma de suas áreas de concentração.

Nesses novos caminhos assumidos pela ciência histórica e pela própria Teoria da História da Literatura, observa-se a divulgação de um conjunto amplo e significativo de antologias revestidas de intenção historiográfica, que buscam, a seu modo, dar conta da escrita da história da literatura brasileira. Ao lado das antologias, afirmam-se igualmente formas alternativas de escrita historiográfica, como aquelas situadas no campo da ego-história, ou mesmo no âmbito de uma história dos afetos (OLINTO, 2008), como é o caso de boa parte das obras que integram a coleção “Como e por que ler...”, divulgadas através de editora Objetiva.

2 – Segundo tempo: alguns casos concretos

No âmbito do cenário antes referido, afirma-se a publicação, no Brasil, de uma série de antologias, organizadas a partir de critérios os mais distintos, cujo objetivo e intenção se revelam claramente historiográficos. Esse é o caso, por exemplo, das três publicações que serão objeto, a seguir, de breve exame: *Antologia da poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil* (2011), organizada por Zilá Bernd; *Os cem melhores poetas brasileiros do século* (2001), seleção de José Nêumane Pinto, e *Antologia comentada da poesia brasileira do século XXI* (2006), organizada por Manuel da Costa Pinto.

A *Antologia da poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil* (2011), de Zilá Bernd, configura-se como uma edição revista e aumentada de publicação originalmente divulgada no ano de 1992. Organizada a partir de um critério de natureza étnica, a antologia objetiva o resgate da produção de autores brasileiros afrodescendentes e, por extensão, uma ampliação do cânone literário brasileiro. Tal intenção é evidenciada no prefácio à segunda edição, assinado por Eduardo de Assis Duarte, que afirma:

A presente antologia cumpre, desde sua primeira edição, em 1992, papel de relevo junto a pesquisadores e estudantes de nossas letras interessados em ultrapassar os limites da

literatura oficialmente estabelecida nos manuais e currículos escolares. Sua aparição soou como canto de esperança para uma plethora de textos e escritores condenados ao esquecimento. (BERND, 2011: VII)

Na “Apresentação da edição de 2011”, Zilá Bernd recupera o objetivo que a motivara a lançar a primeira edição da obra: o desejo de promover o *resgate da memória social do negro no Brasil através das manifestações poéticas publicadas a partir de 1859*. (BERND, 2011: 20) No mesmo texto, a autora elenca, entre outras justificativas para a reedição ampliada da obra, o objetivo da Lei 10.639/03, que estabelece o estímulo ao ensino da história e da literatura afro-brasileiras na Educação Básica. Além disso, justifica também a opção por “poesia afro-brasileira”, ao invés de “literatura negra”: de um lado, pelo fato de a primeira expressão remeter apenas à origem étnica da maioria dos autores; de outro, em virtude de “literatura negra” poder remeter à existência de uma essência negra. Na defesa de sua escolha, Zilá Bernd não apenas aponta para a tendência do uso da expressão “afro-brasileira”, constante de publicações recentes, como recorre a um conjunto de estudiosos, como Sueli Meira Liebig, Luiza Lobo e Eduardo de Assis Duarte que, em seus escritos, assumem idêntica posição.

A *Antologia da poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil* contempla vinte e sete autores e cento e vinte e seis poemas que, segundo a autora, apresentam duas grandes tendências: a primeira, a do “enraizamento identitário”, se ocuparia da recuperação da memória, como forma de unir a comunidade negra em sua luta contra o preconceito ainda hoje existente na sociedade brasileira; a segunda, a “enraizamento dinâmico e relacional”, conceito buscado em Michel Maffesoli, teria como objetivo a afirmação da identidade como algo a ser construído no respeito à diversidade e na abertura para a relação com o outro. (BERND, 2011: 24)

O texto da “Apresentação” traz, ainda, um último subtítulo – “Como a antologia pode ser utilizada” – que oferece uma série de sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula, evidenciando seu caráter que, para além de historiográfico, é também didático. Assim, sugerem-se o estudo dos símbolos, da menção das figuras históricas e míticas, da enunciação feminina, do vocabulário da senzala, entre outros.

Na “Apresentação da edição de 1992”, constante do volume reeditado, a organizadora apresenta outros critérios que nortearam a escolha dos autores e textos. Tais critérios, para além de seu viés quantitativo, revelam igualmente uma preocupação de ordem estética, como se pode depreender da afirmativa seguinte:

A seleção de textos obedeceu rigorosamente ao critério da representatividade dos autores (autores com no mínimo duas ou três obras publicadas), do grau de literariedade de suas produções e pautou-se por uma classificação estabelecida por mim em Negritude e literatura na América Latina (1987). (BERND, 2011: 26)

A organização da antologia observa um critério essencialmente cronológico, uma vez que é ordenada em três grandes períodos: o Pré-Abolicionista, o Pós-Abolicionista e o Contemporâneo, cada um deles subdividido em vários itens nominados a partir de uma característica identificada na produção de cada autor selecionado. É importante registrar que os dois primeiros períodos abarcam apenas trinta e uma páginas, enquanto o último, duzentos e treze. Sendo assim, constam dos primeiros unicamente três autores: Luís Gama, Cruz e Sousa e Lino Guedes. O período contemporâneo conta com os outros vinte e quatro autores constantes da antologia. Este último, por mais extenso, é organizado, em seu início, a partir do tópico “consciência”. Assim, os poetas são agrupados em virtude de sua poesia expressar uma “consciência resistente”, uma “consciência

dilacerada”, ou uma “consciência trágica”. A seguir, evidenciando uma mudança de critério, apresenta-se a “A poesia afro-brasileira no feminino”, quando são destacadas as poetas Conceição Evaristo, Miriam Alves, Leda Maria Martins, Esmeralda Ribeiro, Jussara Santos e Ana Cruz. Por fim, há dois outros grandes blocos, constituído por aqueles autores cuja poesia evidenciaria a presença das duas grandes tendências antes referidas: a do “enraizamento identitário”, e a do “enraizamento dinâmico e relacional”.

Os poemas de cada autor são precedidos por uma breve “Biografia”, por sua “Bibliografia” e por um sucinto comentário crítico, a cargo da organizadora Zilá Bernd, ou dos coorganizadores, Emilene Corrêa Souza e Plínio Carlos Corrêa Souza Jr. Cada poeta tem, no mínimo, um texto selecionado, caso de Abdias do Nascimento, ou, no máximo, oito textos, caso de Cuti, pseudônimo de Luiz Silva. Os comentários críticos não estão, via de regra, diretamente vinculados aos textos selecionados, mas assumem um caráter geral que busca caracterizar o conjunto da produção poética de cada autor. Veja-se, a título de exemplo, parte da apreciação crítica da obra de Solano Trindade:

Solano Trindade vincula-se à vertente de poetas da Negritude antilhana, como Nicolás Guillén e Aimé Césaire, caracterizada pelo engajamento ao marxismo e por um forte sentimento de pertença ao solo americano. O eu-lírico emerge no poema para evocar com orgulho suas raízes africanas e afirmar sua vinculação à América. (BERND, 2011: 62)

Concebida da forma como foi apresentada, a *Antologia da poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*, de Zilá Bernd, cumpre integralmente seus objetivos: de um lado, caracteriza-se como uma história da poesia brasileira de autoria de afrodescendentes, sem, contudo, assumir um perfil de natureza totalizadora, já que estabelece critérios de seleção, quantitativos e qualitativos, que estão claramente formulados em sua introdução; de outro, promove o resgate de um conjunto de autores que, em sua quase totalidade, estão ausentes das histórias da literatura brasileira. Com tal procedimento, a autora não apenas disponibiliza aos pesquisadores material significativo para a compreensão do sistema literário nacional, como também promove um alargamento do cânone literário brasileiro, intenção que compartilha com aqueles trabalhos que vêm sendo realizados no âmbito dos discursos situados à margem da historiografia literária brasileira tradicional.

Outra é a natureza da antologia *Os cem melhores poetas brasileiros do século*, de José Nêumane Pinto, publicada originalmente em 2001, com segunda edição de 2004. A publicação abre-se com o texto “Uma demã de prosa”, de autoria do organizador, que se apresenta dividido em sete partes. Na parte inicial, Nêumane Pinto resguarda sua posição, caracterizando-se não como um especialista ou professor de literatura, mas apenas como *poeta bissexto e um leitor de poesia*, não como *um crítico, ou seja, um organizador com méritos e legitimidade acadêmicos e culturais*. (PINTO, 2004: 11). Na segunda parte, “Imagens da infância”, serve para que o autor justifique ter concordado com a empreitada de organizar a antologia, a pedido do amigo Luiz Fernando Emediato, uma vez que, desde a infância, tivera um contato permanente com a literatura e, em particular, com a leitura de poesia. Na sequência, em “No país dos bissextos”, justifica a inclusão de alguns nomes que, inobstante terem sua produção valorizada no campo da prosa de ficção, são, no seu juízo, poetas importantes, como é o caso de Machado de Assis, ou mesmo de Ariano Suassuna, mais conhecido por sua dramaturgia. Na quarta parte do texto introdutório, “A escolha do poema”, Nêumane Pinto afirma ter adotado como critério organizativo a escolha de apenas um texto por autor, tarefa que foi guiado, na maior parte das vezes, pela “preferência pessoal”, e, em outros casos, por conselho de especialistas e amigos que o auxiliaram na seleção. Em “Presença da vanguarda”, quinta parte da introdução, aborda a inclusão dos poetas atuantes nas vanguardas poéticas situadas

entre os anos 50 e 70, e justifica a inclusão no mesmo período do poeta Chacal, visto como significativo da chamada “geração mimeógrafo”. A seguir, em “A turma da feira livre”, busca justificar a inclusão dos chamados poetas populares, essencialmente aqueles vinculados à música popular e ao cordel, quando, mais uma vez se resguarda de possíveis críticas, quando afirma:

Este certamente não será o único desapontamento que provocará esta minha antologia. Pedras poderão chover sobre minha cabeçorra pela escolha de “uma letra de música de Zé Ramalho”. (PINTO, 2004: 16)

“A sanha dos herdeiros”, que finaliza o texto introdutório, configura-se como o espaço para comentários a respeito das dificuldades na obtenção de autorização dos herdeiros e familiares de poetas, para a inclusão de textos na antologia, fato impeditivo para que *estudantes e leitores comuns tenham acesso às obras de autores fundamentais como Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e tantos outros.* (PINTO, 2004: 17)

Diferentemente do trabalho organizado por Zilá Bernd, a antologia de Nêumane Pinto adota, em sua organização, um critério essencialmente tradicional, porquanto lança mão de uma periodização buscada nas histórias da literatura brasileira de perfil tradicional. Nesse sentido, a antologia apresenta-se subdividida em seis partes: 1 – **Pré-Modernismo**, que inclui poetas parnasianos, como Alberto de Oliveira, Alphonsus de Guimaraens, Olavo Bilac, ao lado de nomes como os de Augusto dos Anjos, Machado de Assis e Raul de Leoni, entre outros; 2 – **Modernismo**, contemplando os poetas surgidos na primeira hora do Modernismo brasileiro e aqueles que estrearam no curso da década de 30; 3 – **Geração de 45**, incluindo, entre outros, Geir Campos, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Paulo Mendes Campos; 4 – **Concretismo, Neoconcretismo, Práxis e Poema Processo**, constituída pelos irmãos Campos, Décio Pignatari, Ferreira Gullar, Mário Chamie, Wladimir Dias-Pino e outros; 5 – **Contemporâneos**, a parte mais extensa da antologia, abarcando 37 poetas; 6 – **Poetas Populares**, incluindo seis poetas vinculados à poesia de cordel: José Camelo de Melo Resende, José Pacheco, Manoel Camilo dos Santos, Otacílio Batista, Patativa do Assaré e Zé da Luz.

Os capítulos antes mencionados são organizados por ordem alfabética do nome do poeta. Nesse sentido, o primeiro poeta constante da antologia é Alberto de Oliveira, seguido de Alphonsus de Guimaraens. Os poetas têm seu local e ano de nascimento indicados e, após, situa-se pequeno comentário sobre a natureza de sua obra e são indicadas suas publicações. O comentário feito pelo organizador vem, na maior parte dos casos, amparado em juízo já formulado por algum crítico e/ou historiador de mérito reconhecido. É exemplar, nesse sentido, a apreciação sobre a poesia de Alphonsus de Guimaraens:

Alphonsus de Guimaraens é considerado o poeta mais místico do nosso Simbolismo. Seu misticismo, porém, “é tênue, esbatido pela ternura e pela melancolia (Antonio Candido/José Aderaldo Castello). Chamado de “poeta lunar” por Alceu Amoroso Lima, tem como tema preferido a morte. (PINTO, 2004: 26)

Mesmo quando trata dos poetas populares, talvez a seção mais original de sua antologia, José Nêumane Pinto, socorre-se de “vozes autorizadas”, na apresentação que faz dos poetas e de sua poesia, como é caso de Zé da Luz, quando recorre a Manuel Bandeira, para quem o poeta paraibano “pertence àquela categoria de poetas intermediários entre a poesia culta da cidade e a poesia dos improvisadores sertanejos”, e a José Lins do Rego, que dizia escutar na poesia de Zé da Luz “o falar arrastado do povo, nos erres comidos, nos eles sem força”. (PINTO, 2004, 311).

Contudo, a despeito de seu perfil tradicional e, em alguns casos, da utilização de categorias já superadas pela historiografia literária contemporânea, a antologia organizada por José Nêumane Pinto alia-se às obras do gênero no sentido de divulgar poetas pouco conhecidos e estudados, como é o caso do poeta paraibano José Chagas, do cearense Francisco Carvalho, do baiano Ruy Espinheira Filho, entre muitos outros. Nesses casos, como os autores não têm sua poesia estudada no âmbito das histórias da literatura brasileira, José Nêumane, na falta de um juízo acadêmico, vale-se das palavras dos próprios poetas, a partir das quais procura caracterizar sua produção. A divulgação de autores ausentes das histórias da literatura brasileira contribui, como no caso da antologia organizada por Zilá Bernd, não só para o alargamento do cânone literário brasileiro, como disponibiliza um acervo a ser considerado por aqueles que vêm, hoje, se dedicando a historiar a produção poética do País.

O desejo de mapear e, em certa medida, historiar a literatura brasileira, particularmente através da organização de antologias, tem seu exemplo mais radical em *Antologia comentada da poesia brasileira do século XXI* (2006), de Manuel da Costa Pinto. Divulgado pela Publifolha de São Paulo, o trabalho de Manuel da Costa Pinto reúne setenta poetas em atividade nos primeiros anos do atual século. Na “Apresentação”, o autor aponta o desafio que teve de enfrentar pelo fato de reunir, *num mesmo volume, autores já consagrados, com vários livros publicados e extensa fortuna crítica, ao lado de poetas que editaram apenas uma ou duas coletâneas praticamente desconhecidas do público e com recepção incipiente nos jornais e nas revistas especializadas.* (PINTO, 2006: 9) Nesse sentido, a antologia reúne poetas com extensa produção como Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Mário Chamie, Francisco Alvim, e poetas com produção que data dos anos 90 em diante, com Sérgio Alcides e Manuel Ricardo de Lima, entre outros.

O exame do trabalho de Manuel da Costa Pinto revela que o mesmo, a exemplo dos anteriores, reveste-se de uma intenção historiográfica, porquanto traça um amplo painel da produção poética brasileira do século XXI, reunindo textos de setenta poetas, *número que pareceu suficiente para apresentar um quadro amplo da produção contemporânea.* (PINTO, 2006: 10). Assim, embora o organizador afirme que a antologia *atende menos aos interessados na história da literatura brasileira – (...) – do que àquele leitor que vê na poesia um organismo vivo* (PINTO, 2006: 9), o trabalho, na sua forma final, assume um caráter claramente historiográfico, uma vez que tem entre seus objetivos construir um quadro que revele as marcas assumidas pela dicção poética brasileira do presente, seja aquela formulada por autores já consagrados, seja aquela proposta por poetas estreados.

A *Antologia comentada da poesia brasileira do século XXI* apresenta seus capítulos organizados por ordem alfabética, segundo o sobrenome dos autores. Além disso, o número de textos selecionados varia de autor para autor, uma vez que observada a necessidade de fornecer uma amostragem representativa da produção de cada poeta. Entre os critérios adotados na organização da obra, encontram-se também o privilégio concedido à produção recente dos poetas e a inclusão de poemas ainda inéditos cedidos pelos autores. Em nota de rodapé, o organizador justifica as ausências de Hilda Hilst e Bruno Tolentino; a primeira, por não haver produzido poesia no século XXI; o segundo, por não ter autorizado a publicação de seus poemas.

Cada capítulo abre-se com o nome do autor, acompanhado de seu local e data de nascimento. Após, vem a seleção de poemas, que é acompanhada de uma leitura crítica que leva em consideração não apenas os temas abordados, mas também os recursos de natureza estética utilizados pelo poeta. Nesse exercício crítico, Manuel da Costa Pinto estabelece, na maior parte dos casos, uma relação entre os elementos detectados nos poemas selecionados e o conjunto da produção poética de cada autor.

Ao mapear, nos termos antes referidos, a produção poética brasileira do século XXI, Marcos da Costa Pinto promove a divulgação de um número significativo de poetas, cujas obras permanecem desconhecidas da maioria dos leitores brasileiros, mesmo daqueles que se dedicam ao exercício da crítica e à escrita da história da literatura brasileira. Sua antologia, a exemplo das anteriores aqui examinadas, abandona a pretensão totalizadora própria das histórias da literatura de feição tradicional e amplia os caminhos a serem trilhados por uma historiografia brasileira do presente que se pretenda em consonância com as perspectivas abertas pela ciência histórica e pela Teoria da História da Literatura, em suas propostas contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMERÍA, Beltrán Luis; ESCRIG, José Antonio (orgs). *Teorías de la historia literaria*. Madrid: ARCO/LIBROS, 2005.
- BARRENTO, João. *História literária: problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. História da literatura: origens e perspectivas atuais. *Cadernos Literários*. Rio Grande, volume 14, número 2, dezembro de 2007.
- _____(org.). *História da literatura: itinerários e perspectivas*. Rio Grande, Editora da Universidade Federal do Rio Grande, 2011.
- BERND, Zilé (org.). *Antologia da poesia afro-brasileira*. 150 anos de consciência negra no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- MALLARD, Letícia et alii. *História da literatura*. Ensaios. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- MARSHALL, Brown (ed.). *The uses of Literary History*. London: Duke University Press, 1995.
- MOREIRA, Maria Eunice (org). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- _____(org.). *Histórias da literatura: teorias e perspectivas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- OLINTO, Heidrun Krieger (org.). *Histórias de literatura*. As novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996.
- _____(org.). *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- _____. Uma historiografia literária afetiva. *Cadernos de pesquisa em literatura*. Porto Alegre, volume 14, número 1, junho de 2008.
- PINTO, José Nêumane (org.). *Os cem melhores poetas brasileiros do século*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- PINTO, Manuel da Costa (org.). *Antologia comentada da poesia brasileira do século XXI*. São Paulo: Publifolha, 2006.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *Introdução a historiografia literária brasileira*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.
- _____. História da literatura. In _____. *Formação da teoria da literatura*. Inventário de pendências e protocolo de intenções. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1987. p. 62 – 85.